

Formação do jornalista e leitura crítica de jornal*

*Silvana Coleta Santos Pereira***

Resumo

Leitura de jornal feita por alunos formandos do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Federal de Goiás (UFG), com base nas categorias comunicação, informação, leitura crítica e indústria cultural. Estas categorias foram estudadas no contexto comunicacional, tendo como pressuposto que educar é um ato comunicativo. A pesquisa discute o potencial educativo do jornal na formação do futuro jornalista, tendo em vista que este potencial possibilita a percepção das contradições existentes na produção das mídias e, consequentemente, na sociedade. Os recentes estudos sobre a recepção também apontam para uma nova realidade em que o receptor não é mais visto como incapaz de reagir às mensagens recebidas. Modelos e propostas de uma educação para os meios demonstram que é possível ensinar crianças, jovens e adultos a ler criticamente os meios de comunicação.

Palavras-chave: Comunicação, Educação, Formação do Jornalista, Leitura Crítica.

1 Introdução

Comunicação e educação têm objetivos bem definidos, só que esta definição, na maioria das vezes, só é percebida por quem produz essas ações e não por quem as recebe. Os meios de comunicação de massa (MCM) se evidenciam enquanto mediadores do processo educativo, atuando como mobilizadores, intermediários ou condicionadores das expressões individuais, grupais e massivas. A

* Apresentado no V SIPEC - Simpósio de Pesquisa em Comunicação do Centro-Oeste, realizado em Goiânia, no período de 20 a 22 de maio de 2000, tendo como base a dissertação de mestrado com o mesmo título, defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, em novembro de 1998.

** Mestre em Educação, Professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia/UFG.

análise desta realidade mostra que a comunicação é transformada em produto da indústria cultural, da mesma forma que a informação, o que pode ser confirmado mediante observação mais detalhada do jornal impresso, objeto principal deste estudo.

Mesmo reconhecendo a força da estrutura social dominante, que tem na indústria cultural a sua garantia de reprodução, não se deve considerar que o processo de educação informal, que ocorre por intermédio dos meios de comunicação, conduz inevitavelmente a que as pessoas aceitem incondicionalmente os valores veiculados. Embora não se possa negar o poder dos meios de comunicação de massa, esse poder encontra limites nos mecanismos dispostos por essa mesma sociedade.

O curso de jornalismo tem possibilitado a formação de leitores críticos dos meios de comunicação, mais especificamente, do jornal? Esta foi a pergunta que motivou a pesquisa, tendo como hipótese o fato de que a maioria dos alunos conclui o curso não fazendo uma leitura crítica dos meios. Da mesma maneira, a leitura do jornal não faz parte da rotina dos futuros profissionais e a sua pouca utilização em sala de aula contribui para agravar essa situação.

A busca dos dados foi feita através de três aproximações: perfil socioeconômico dos alunos (fornecido pela Comissão Especial do Concurso Vestibular), exercícios de leitura crítica e entrevistas. A confirmação da hipótese de que a maioria dos alunos termina o curso não sendo capaz de fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação aponta que reformulações precisam ser feitas visando aprimorar a formação do profissional. Porém, os dados demonstram que mesmo com as dificuldades apresentadas, o curso de jornalismo tem grande importância na formação do futuro profissional.

2 A comunicação na sociedade contemporânea

O caminho percorrido pelas pesquisas sobre a comunicação deixa evidente as dificuldades dos pesquisadores em trabalhar um objeto que sofre influências das mais diversas áreas. A origem da teoria tem por base os estudos de engenharia das telecomunicações e foi concebida para tratar de problemas de engenharia da comunicação. Considerada acima de tudo uma “teoria do rendimento informacional”, tem por objetivo melhorar a velocidade de trans-

missão de mensagens, diminuir suas distorções e aumentar o rendimento global do processo de transmissão da informação.

O instrumento fundamental da comunicação humana – a linguagem – é um dos objetos centrais de estudo da lingüística. Já a psicologia trata o fenômeno da comunicação no nível propriamente humano, atendendo, logicamente, para as determinantes psicológicas do processo de comunicação. É a sociologia que faz a passagem do nível psicológico da análise para o plano propriamente social quando abre caminho para a discussão de um tema bastante atual na sociedade contemporânea, que é a crescente substituição da família, como agência socializadora fundamental, pelos meios de comunicação de massa. Neste sentido, Harold Lasswell (1987, p. 105-117), um dos pioneiros do estudo da comunicação de massa, tenta fazer uma síntese dos problemas de comunicação na sociedade.

Hoje em dia, porém, a teoria matemática da comunicação e o esquema de Lasswell, que teve por base o Behaviorismo, ambos modelos comunicativos dominantes nas pesquisas durante muito tempo, são bastante criticados e rejeitados e acabaram por dar lugar a outros modelos.

O problema das relações entre estrutura social, padrões de comunicação e padrões culturais é trabalhado, dentre outros, por Lazarsfeld e Merton (1987, p.230-253), quando tratam da dimensão cultural do processo e dos meios de comunicação na sociedade contemporânea.

No Brasil, as mesmas dificuldades em trabalhar o objeto comunicação foram enfrentadas pelos nossos pesquisadores. Maria Immacolata Lopes (1990), em seu livro *“Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico”*, fala da grande diversidade de enfoques nos estudos da comunicação. E essa diversidade dificultava tanto a escolha do tema a ser estudado como a maneira de estudá-lo. Nesse contexto, o modelo funcionalista do processo de comunicação nas teorias comunicativas foi então priorizado na área. E é, segundo a autora, o modelo mais utilizado nos estudos da comunicação na América Latina, além de ser predominante no Brasil, o que resulta em críticas que apontam a fragilidade do modelo.

A teoria funcionalista dos meios de comunicação de massa representa uma etapa muito importante na então crescente orientação sociológica das pesquisas sobre a comunicação. Se as teorias anteriores estavam ligadas ao objetivismo behaviorista e descreviam a ação co-

municativa como uma relação automática de estímulo e resposta, a teoria sociológica do estrutural-funcionalismo salienta a ação social e não o comportamento na sua adesão aos modelos de valores interiorizados e institucionalizados. Atualmente, segundo Mauro Wolf (1994), são muitos os indícios de que a pesquisa sobre os meios de comunicação de massa estão se concentrando sob o impulso de uma abordagem sociológica que coloca no centro a questão das relações entre estrutura social, sistemas de poder e modelos de valores.

Modernos e sofisticados dispositivos de informação, já há algum tempo, fazem parte do nosso dia-a-dia, definindo novos rumos para nossas experiências, alargando a esfera de percepção e de intervenção no mundo, elaborando a nossa própria representação da realidade. Por isso, parece impossível imaginar a nossa vida sem todo esse aparato informacional. O nosso século tornou-se o século da informação.

Não é pelo fato de todos recebermos as mesmas notícias através das redes planetárias de satélites que a comunicação necessariamente aumenta e as diferenças diminuem. Sabemos que cada um dos destinatários recebe somente uma pequena parcela da informação disponível que circula pelo mundo multimidiático, que é interpretada de acordo com cada cultura. É essa defasagem entre a dimensão informativa e a experiência comunicacional que explica a contradição entre a planetarização da informação midiática e o exacerbamento dos conflitos que emergem hoje um pouco por toda parte.

Contudo, é preciso esclarecer que, apesar de distintas, a dimensão informativa e a dimensão da comunicação estabelecem, no mundo de hoje, complexas e específicas relações entre si, influenciando diretamente no processo educativo.

A escola, enquanto transmissora da cultura e geradora de conhecimentos, deve interpretar os fatos numa perspectiva da dinâmica do dia-a-dia, estampada nos meios de comunicação. Portanto, a educação e a comunicação/informação devem andar juntas, se realmente quisermos construir uma sociedade mais crítica, em que as pessoas possam realmente participar dos destinos da nação.

Ismar de Oliveira de Soares (1996), no livro "*Sociedade da informação ou da comunicação?*", parte do princípio de que é preciso entender a comunicação para democratizar a Sociedade da Informação, transformando-a em Sociedade da Comunicação.

Todos sabemos que a elaboração e a difusão das mensagens acontecem hoje em dia no contexto da produção industrial. Por isso, não devemos imaginar que a população terá, em algum momento, acesso pleno aos meios de informação. Sendo assim, uma recepção atenta das mensagens passou a representar, muitas vezes, um esforço de resistência cultural.

Porém, há quem se mantenha céptico, ou seja, que pergunta se é possível, adequado ou correto educar alguém para uma recepção crítica e ativa. Não, respondem alguns produtores e administradores da cultura, justificando que a experiência da comunicação é única, uma vez que cada pessoa recebe as mensagens de forma diferente. Outra razão para desaconselhar os esforços educativos na área é a crença de que qualquer educação significaria uma velada (e muitas vezes explícita) tentativa de manipulação das consciências. Neste caso, estaria se trocando uma manipulação por outra.

Outros estudiosos, contudo, afirmam que é plenamente adequado formar receptores ativos. Ou seja, é possível educar para uma recepção crítica e ativa das mensagens. Caso contrário, afirma Soares (1996), estaríamos legitimando o privilégio concedido pelos grupos de poder aos controladores dos meios, em seu acesso exclusivo e sem empecilhos à intimidade das pessoas, famílias e grupos humanos.

Os defensores da leitura crítica dos meios querem garantir 'o direito à dúvida'. Sendo assim, a questão não se colocaria em termos de quem 'manipula', mas no reconhecimento do direito de que cada ser humano tem de descobrir (e, para tanto, necessita ser informado) como funciona a própria engrenagem da sociedade. Mais que uma pretensão de caráter ideológico, trata-se do exercício do direito do consumidor de conhecer o produto que lhe é apresentado para compra. (Soares, 1996, p.54).

3 Comunicação e educação: uma nova realidade

Vivemos em plena era da comunicação e da informática, em que não podemos mais pensar o processo educativo sem considerar a comunicação como mediação técnica e cultural. Neste sentido, o estudo e o debate entre educação e comunicação tornam-se urgentes, diante de uma realidade que, transformando-se rapidamente, acaba por obrigar o educador a acompanhar passo a passo a implantação das tecnologias da comunicação e, principalmente, entendê-

la em toda a sua dimensão política, econômica e social. Entretanto, a relação comunicação/educação nem sempre é fácil e continua a ser objeto de estudos que visam melhorar esse relacionamento.

As escolas, as universidades, não podem mais ficar distantes dos meios de comunicação que, hoje, exercendo uma enorme influência sobre todos, acabam “educando” mais do que a própria escola. Educadores e comunicadores devem assumir uma postura crítica frente ao papel reprodutivo da escola e das mídias da ideologia dominante e assumir a responsabilidade de ajudar as pessoas a fazer uma leitura crítica das mensagens veiculadas, desvendando as tramas da comunicação.

Até este ponto podemos chegar à seguinte conclusão: não se pode contar exclusivamente com os tradicionais meios de informação para construir a *Sociedade da Comunicação* de que fala Ismar Soares. A leitura atenta e ativa dos meios representa o primeiro passo para o estabelecimento e a consolidação de uma nova cultura de “responsabilidade comunicacional compartilhada”. É uma cultura de responsabilidade comunicacional compartilhada deve ser imaginada levando-se em conta o fato de que dificilmente teremos modificações substanciais no controle sobre os meios já entregues aos grandes grupos econômicos. “Resta, então, manter vigilância sobre o sistema e reagir na forma que o mercado conhece”. (Soares, 1996, p. 69).

4 Jornalismo e leitura crítica

A penetração e o impacto dos meios de comunicação sobre a sociedade sempre geraram preocupação quanto às medidas para o seu controle. Isso acontece desde o surgimento da imprensa até hoje em dia, com a crescente utilização das novas tecnologias, quando ainda se questiona quem deve regular a operação e a emissão das mensagens que são produzidas coletivamente.

O monopólio dos meios de comunicação é, portanto, evidente, seja pelo controle do Estado ou através do controle privado. Conscientes dessa situação é que setores progressistas da sociedade, reunidos em grupos específicos de trabalho, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), e projetos como o LCC - Leitura Crítica da Comunicação, entre ou-

tros, têm desenvolvido diversos trabalhos que objetivam oferecer subsídios para a participação de todos os cidadãos no processo comunicativo.

Trata-se de educar e motivar as pessoas para que deixem de lado um comportamento de conformismo em relação à estrutura tecnológica dos meios de comunicação de massa, que impõe, devido à unidirecionalidade do fluxo das mensagens, um amplo controle ideológico sobre o que é divulgado.

Os mais recentes trabalhos científicos sobre a recepção demonstram que, embora o poder dos meios de comunicação de massa seja inegável, padece de limitações. As pesquisas de comunicação social dos anos 60 para cá exploram um novo aspecto, ou seja, o do receptor e sua interação macrosocial.

Maria Immacolata Lopes considera importante vincular os esforços das pesquisas de recepção com um trabalho pedagógico com as audiências. Para ela, o conhecimento das mediações deve permitir fazer propostas pedagógicas muito mais refinadas para rearticular as mediações da audiência.

Ainda segundo as afirmações de Lopes, é imprescindível, diante dos desafios do neoliberalismo ambiente, integrar à Educação para os Meios essa perspectiva comunicacional, a fim de dar um maior impulso e mais fundamento a seus programas pedagógicos. Dessa forma, ganharão todos, comunicadores e educadores, com a possibilidade de maior participação das pessoas na construção cotidiana da cidadania e nos movimentos para a democratização dos meios de comunicação.

Trata-se, portanto, de uma ação ao mesmo tempo educativa e política, que deve mobilizar tanto profissionais educadores como da comunicação para um novo tipo de educação, capaz de conduzir a uma *leitura crítica da comunicação*. Refletindo sobre essas duas características, pesquisadores têm atribuído à escola uma nova tarefa: a de educar para as mídias, ou para os meios. Isso significa educar o leitor, o receptor crítico e também o comunicador, além de formar o professor usuário dessa comunicação.

Este trabalho parte do pressuposto que o desenvolvimento da capacidade crítica deva ser o principal objetivo da educação, pois a capacidade de julgamento crítico é demonstração de maturidade intelectual. Neste sentido, entende-se por leitura crítica um processo educativo que relacione os diversos processos pedagógicos, tanto os

formais quanto os informais, os oficiais e os não oficiais, os que se propõem a fazê-la explicitamente e os que a realizam na prática, pela contínua relação com as pessoas, como os meios de comunicação.

Para alguns autores, a tarefa de fazer valer a leitura crítica da comunicação começa na escola, onde as crianças devem ser iniciadas sistematicamente no mundo dos meios de comunicação de massa, aprendendo a compreendê-los como mecanismos de difusão simbólica, que possuem suas próprias “gramáticas”, e cujo conhecimento por parte de crianças e jovens possibilitará leituras desmistificadas, sem distorções receptivas provocadas pelo desconhecimento de como funciona cada veículo.

Neste contexto, a leitura crítica do jornal, bem como a sua utilização em sala de aula por estudantes de todos os níveis, se apresenta como uma importante possibilidade para a formação de indivíduos autônomos, com consciência crítica.

Algumas pessoas podem estar se perguntando por que a opção de trabalhar com o jornal, se vivemos em um mundo multimidiático, com a presença de vídeos, computadores, satélites, redes internacionais de informação, etc. Este estudo pretende evidenciar as possibilidades do uso do jornal como veículo de ampliação das capacidades e habilidades de leitura crítica da realidade. Trata-se de uma aposta de que o uso do jornal em sala de aula oferece aos agentes do processo de ensino, alunos e professores, elementos suplementares para esta leitura crítica da realidade.

O jornal é um meio de comunicação atento aos temas sociais e políticos e, por isso, foi definido como um componente de grande potencialidade para alunos e professores tratarem os conteúdos de forma crítica e científica. Neste sentido, o jornal vem sendo objeto de vários estudos recentes.

A grande diferença entre o jornal e as outras mídias, principalmente a TV e o rádio, está no fato de a TV ser simultânea aos fatos, enquanto o jornal é duradouro e ao mesmo tempo contemporâneo. Exatamente por não possuir a instantaneidade da TV e do rádio, o jornal permite que as matérias sejam revistas, além de possibilitar o trabalho independente do aluno, pois é o mais atualizado material gráfico que tem disponível.

Não é intenção, contudo, minimizar a influência que a TV e outros meios exercem nas pessoas e que, conseqüentemente, se faz sentir na escola. O que se quer é destacar o jornal impresso, convencional,

como aliado do professor que deseja desenvolver de modo crítico os conteúdos com os quais trabalha em sala de aula.

Pelo que indica o currículo, o jornalista deve ter uma visão crítica do papel e da função da Comunicação Social dentro das comunidades; deve ter a realidade que o cerca como referência para sua formação e o seu trabalho como agente de transformação; deverá ainda ter competência técnica indiscutível, inclusive como forma para criar alternativas próprias e ousadas de comunicação e para não permitir que as novas tecnologias – testadas e introduzidas no setor da comunicação – se percam por inaptidão e pela incapacidade em redefinir-lhes o conteúdo e os compromissos com a libertação da sociedade.

O que se pretende, portanto, é permitir ao futuro jornalista capacidade de dirigir o exercício profissional por objetivos sociais conscientes, com capacidade de contrariar os novos padrões industriais de um profissional que pura e simplesmente segue os manuais.

Partimos do pressuposto de que, para ter uma visão crítica do papel da comunicação social, o jornalista deve ser capaz de fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação para, então, ser capaz de entender as tramas da comunicação.

Uma das possibilidades que, ao nosso ver, poderiam ajudar os futuros jornalistas a se tornarem leitores críticos dos meios seria a maior utilização do jornal em sala de aula que, devido às suas especificidades e às características do curso, poderia ampliar e incentivar o hábito de leitura dos alunos, além de promover o debate e colocá-los diretamente em contato com a realidade.

5 A pesquisa

Para o estudo da formação do aluno de Jornalismo, bem como da leitura que faziam dos meios de comunicação, foram selecionados, como sujeitos, os alunos do 4º. ano, em 1996. Essa opção deve-se à suposição de que eles, por já estarem concluindo o curso, teriam condições de fornecer mais elementos quanto às disciplinas cursadas e demais etapas do curso.

A pesquisa foi realizada com os seguintes objetivos: verificar se o curso tem contribuído para que os alunos sejam capazes de fazer uma

leitura crítica dos meios de comunicação, mais especificamente do jornal, e também verificar se o jornal, devido às suas especificidades e possibilidades, vem sendo utilizado em sala de aula durante o curso.

A discussão dos dados obtidos junto à Comissão Especial do Concurso Vestibular – CECV, exercícios de leitura crítica e entrevistas, tem por base as categorias de leitura crítica, comunicação, informação e indústria cultural. Com a leitura crítica, a intenção é constatar o que o aluno entende por esse conceito e qual sua importância no cotidiano do jornalista. Quanto à segunda categoria, a comunicação, o que se quer é perceber como ela se estrutura em uma sociedade como a nossa. Quanto à informação, o que se quer é verificar como esse futuro profissional percebe a sua produção pelas mídias, especificamente o jornal, e como o jornalista participa dessa produção. E quanto à indústria cultural, pretende-se verificar se o aluno percebe o que ela representa, ou melhor, qual a sua determinação sobre a produção de bens simbólicos.

Na análise dos exercícios de leitura crítica foram utilizados os critérios predeterminados pela pesquisa, que consideravam leitores críticos de jornal os alunos que em suas respostas fossem capazes de compreender, interpretar e atribuir significados ao documento escrito, bem como problematizar e demonstrar capacidade de crítica na formulação dos textos. Isso posto, dos 18 alunos que responderam ao instrumento, apenas cinco obtiveram desempenho médio satisfatório com relação aos exercícios propostos.

Para a seleção da subamostra para as entrevistas foi solicitado a três professores que trabalhavam naquele momento com a turma, ou que já haviam trabalhado, que identificassem, em ordem decrescente, os cinco alunos que mais e menos se adequassem aos critérios utilizados pela pesquisa, para a definição de um leitor crítico. O objetivo era definir os cinco que fossem capazes de realizar uma leitura crítica dos meios de comunicação e os cinco que menos se enquadrassem nesses critérios.

Pelas entrevistas pode-se afirmar que a indicação dos professores quanto aos alunos capazes de fazer uma leitura crítica dos meios corresponde exatamente aos que obtiveram melhor desempenho na realização dos exercícios de leitura crítica e melhor desenvoltura na entrevista. Contudo, contestam alguns itens da caracterização da turma, segundo dados da CECV.

Mesmo que a turma seja caracterizada como jovem, com exceção de um aluno, os demais indicados como leitores críticos, entraram na Universidade com mais de 19 anos, contrariando a maioria de quase 80% que iniciou o curso com até 19 anos. Outro dado interessante é que mesmo com 65% de mulheres na turma, a maioria aqui esteve representada pelos homens, com exceção de uma aluna.

Apesar de os professores terem afirmado que não existia um desnível muito grande entre os alunos da turma, a análise dos dados desmente esta afirmação. Ou seja, a diferença entre os alunos, no que diz respeito aos aspectos pesquisados, parece ser bastante significativa. Enquanto os alunos leitores críticos se destacaram nas duas fases de coletas de dados, preenchendo todos os critérios de caracterização, os demais não tiveram bom desempenho no exercício de leitura crítica, e na entrevista confirmaram a pouca afinidade com a leitura de jornal e mesmo de outros veículos, além da dificuldade em trabalhar os conceitos de leitura crítica e informação. Também não souberam relacionar a importância da leitura crítica com o exercício profissional do jornalismo.

Enquanto o primeiro grupo, absolutamente decidido quanto à profissão escolhida, demonstrou que todos os seus integrantes são assíduos leitores de jornais e de outras mídias, o segundo grupo não tinha sequer uma frequência regular de leitura. Além disso, os seus integrantes não possuíam assinaturas de jornais e sequer eram frequentadores da biblioteca da universidade, a não ser em períodos de leitura obrigatória indicada por alguma disciplina.

Os dois grupos concordaram quando disseram que a leitura do jornal em sala de aula, bem como a resolução de exercícios de leitura crítica, são ingredientes importantes para a formação do jornalista. Todos também foram unânimes em dizer que a universidade, ou seja, o curso de Jornalismo aprimorou a capacidade de leitura de todos e que tem condições de fazer ainda mais pelos futuros jornalistas se investir com seriedade no incentivo à leitura e na formação de leitores críticos da comunicação.

Uma pergunta que poderá estar sendo feita neste momento é por que a universidade não foi capaz de formar a todos igualmente? Mesmo que este trabalho tenha atingido seu objetivo ao estudar a presente situação, é importante que algumas considerações sejam feitas, tais como: não é possível desconsiderar que a trajetória de vida de cada um influenciou a escolha profissional e o desempenho durante o curso; as oportunidades de estudo, bem como de formação de hábitos, como,

por exemplo, o de leitura, também foram fundamentais para cada estudante. No entanto, tendo como pressuposto o fato de que aos meios de comunicação, entre eles o jornal, compete informar, prestar serviços, sugerir opiniões com a máxima liberdade, clareza, competência e honestidade, e de que nem sempre isso ocorre, torna-se necessário e até mesmo urgente cuidar para que a formação do jornalista possibilite a todos uma leitura da comunicação e dos meios mais eficiente. É importante formar o jornalista para que ele assuma esse papel de maneira competente e segura.

Os caminhos cruzados entre educação e comunicação, mesmo com suas dificuldades, não podem ser mais ignorados. Da mesma forma, estamos convencidos de que a leitura do jornal em sala de aula deve ser mais valorizada durante o curso por ser ela capaz de introduzir a reflexão, o debate, o questionamento, elementos fundamentais na formação de um profissional de jornalismo competente. Se assim for feito, estamos certos de que minimizaremos a dicotomia entre teoria e prática existente no curso, além de recuperarmos a comunicação/informação enquanto capaz de ajudar a construir uma sociedade melhor, mais justa. Uma verdadeira Sociedade da Comunicação.

Abstract

This research aims to analyse the reading of newspapers performed by students of Social Communication, graduating in Journalism from Federal University of Goiás (UFG), based on the following categories: communication, information, criticism and cultural industry. These categories were studied in a communicative context, considering that teaching is a communicative act.

This research discusses the educational potencial of newspaper in the formation of the future journalist, considering that this potencial allows the perception of the contradictions which exist in the production of the media and, consequently, in society. Recent studies about reception also show a new reality in which the reader is no more considered unable to react against the messages received. Models and proposals of a new education to the means prove that is possible to teach children, youths and adults to critically read the mass media.

Key words: communication, education, formation of the journalist, critical reading.

Referências

BARBERO, Jesus Martin. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 32.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 5.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- LAZARSELD, Paul F.; MERTON, Robert K. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 5.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- SOUSA, Mauro Wilton de (Org.) Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In:_____. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar e comunicação: presenças e ausências do jornal na sala de aula*. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 3.ed. Lisboa: Presença, 1994.